



O café nas regiões pioneiras: efeitos do convênio de Taubaté no Vale do Paraíba

Fábio Ricci¹

Edson Aparecida Araújo Querido Oliveira²

Todos somos devedores das grandes sínteses da história econômica brasileira (Celso Furtado, Caio Prado Jr., Roberto Simonsen...), das quais sorvemos muitos de nossos principais conceitos norteadores de análise, particularmente da história econômica. Quando então passamos a considerar a escassa base empírica desses autores, a nossa admiração é ainda maior. Herdeiros de um Brasil desarticulado, suas obras permanecem como os clássicos da economia brasileira.

Porém, assistimos nas últimas décadas alterações significativas na nossa economia. As desconectadas regiões brasileiras passaram a conformar-se em um país articulado e integrado. Nesse novo contexto passam a se evidenciar, além da integração nacional, especificidades regionais que não mais estão contempladas nas grandes sínteses.

O vale do rio Paraíba é uma dessas regiões. As suas referências desde o esplendor e opulência do auge da economia cafeeira no século XIX até a sua derrocada no século XX, guardam características de diferenciação intra-regional.

As diferentes dinâmicas proporcionaram uma diversidade no desenvolvimento da região que, para compreendê-las, precisamos reunir uma significativa produção acadêmica a respeito.

Para atingir esse objetivo, contamos com a colaboração da ABPHE-Associação dos Pesquisadores em História Econômica, que, organizada em 1993, durante o 1º Congresso Brasileiro História

¹ Doutor em História Econômica pela USP, professor do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté. E-mail: fabioricci@uol.com.br.

² Doutor em Organização Industrial – ITA, Coordenador do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté. E-mail: edson@unitau.br.

Econômica e IIª Conferência Internacional de História de Empresas na Universidade de São Paulo (USP), possui entre seus objetivos realizar e apoiar eventos que têm como foco os estudos (e pesquisas) na área de história econômica, com a divulgação e a participação de associados, inclusive de seu presidente, prof. Dr. Carlos Gabriel Guimarães, que fizeram reflexões sobre o Convênio e suas repercussões nacionais ou regionais.

Fruto de pesquisas empreendidas em diversas instituições, reunimos nesta edição, textos representativos das reflexões acerca dos efeitos da defesa do preço do café, acordada entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais em 1906, conhecido como Convênio de Taubaté, sobre as economias dos três estados signatários do acordo.

Os textos refletem a dinâmica centro-periferia e apontam as relações mais amplas, como o escoamento da produção, a oferta de mão-de-obra e a ocupação espacial, assim como as especificidades intra-regionais (onflitos, representações, cultura, ideologia), mostrando os efeitos locais da dinâmica da produção cafeeira.

No artigo que abre esta edição, o prof. José Jobson de Andrade Arruda, traz uma instigante provocação ao discutir a multiplicidade que a interpretação historiográfica pode assumir. “História econômica e história cultural: um balanço da trajetória historiográfica do último meio século” vislumbra os cenários futuros para os destinos da história, antevendo-se a possibilidade de uma nova síntese que enlace a velha e a nova história, que inclua e reconheça os méritos da história estrutural e da micro-história, da história econômica e da história cultural, que associe análise e descrição, conceitos e signos, ideologia e representação, razão e sensibilidade, configurando-se a história como um cristal, cuja lapidação revela sempre novas facetas e cujos limites são infinitos.

O artigo da profa. Fania Fridman, embora estude um período anterior ao convênio, oferece, ao estabelecer um processo de urbanização na Província Fluminense analisada através do elo entre região e projetos de colonização, uma leitura da assimilação das elites quanto à apropriação dos espaços sobre os quais irão se assentar a economia agrícola.

Isto permite compreender o ulterior desenvolvimento da Zona Rio Cafeeira cuja expansão pioneira é analisada pela profa. Hildete Pereira de Melo, que mapeia o movimento do café no Estado do Rio de Janeiro e mostra a acumulação excedente de capital proporcionada

pela valorização que permitiu um impulso para a implantação de uma pecuária de baixa produtividade.

Seguem-se três textos que dialogam entre si, considerando o período de valorização do café em paralelo com a decadência da produção cafeeira, e, portanto, com efeitos diversos dos que ocorreram no oeste paulista, sem dúvida o núcleo dinâmico, e que são, muitas vezes, consideradas como conclusões generalizantes presentes na historiografia especializada.

A profa. Sonia Regina de Mendonça e o prof. Fabio Ricci mostram que, tanto no Estado do Rio de Janeiro, como no vale do rio Paraíba paulista, respectivamente, a operação valorizadora não foi suficiente sequer para preservar o desempenho do setor. No entanto, em paralelo à crise da cafeicultura as regiões procuram nova tendência: o Rio de Janeiro vai experimentar o caminho da diversificação da produção agrícola e o vale paulista se encaminha para a alternativa industrial, com a dinamização do espaço intra-regional, gerando excedentes para serem direcionados as novas atividades. Essa dinâmica é retomada no texto do Prof. Francisco Sodero quando analisa comparativamente o chamado vale histórico, pioneiro na produção cafeeira e os municípios da calha do vale, em especial Taubaté.

O professor Anderson Pires, aponta a produção da Zona da mata mineira, periférica ao centro dinâmico da comercialização do produto e, conseqüentemente, tributária menor dos excedentes gerados, como geradora de uma dinâmica de infra-estrutura e formação de centros regionais, como Juiz de Fora, já que era zona de expansão da produção, consolidando uma rede de cidades na região.

Com essa coletânea, atendemos a necessidade de compor um balanço sobre os efeitos do convênio de Taubaté nas regiões pioneiras de produção, mostrando que as generalizações não contemplam a complexidade de relações presentes naquele momento.

Essa complexidade é relevante num momento em que os estudos regionais ganham significativa importância. Nesse sentido é que o Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, procurando proporcionar um debate que aprofunde o conhecimento e as características determinantes do formato atual da região do Vale do Paraíba, idealizou e realizou um simpósio reunindo vários dos autores citados acima e que, posteriormente, deram origem a essa coletânea.

Esperamos estar cumprindo com a nossa missão, gerar conhecimento e divulgá-lo para a comunidade científica, subsidiando

novos estudos, afinal, a melhor maneira de enfrentar a alienação global é possuir uma cultura reflexiva sobre a diversidade cultural e econômica e divulgá-la.